

# O PIBIDIANO É O MEIO TERMO DA SALA DE AULA

CLEBER TIAGO DE SOUZA

Discente | Curso de Licenciatura Filosofia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Campus de Vitória da Conquista | Bahia | Brasil

Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES)

Contato: [tiagocleber92@gmail.com](mailto:tiagocleber92@gmail.com)

---

**Resumo:** O relato a seguir apresenta uma reflexão sobre as experiências vividas por um bolsista do PIBID de Filosofia na UESB, abordando os desafios e aprendizados adquiridos durante a o período de observação na sala de aula. O autor utiliza as metáforas “Alphaville” e “Subúrbio” de forma metafórica para representar, respectivamente, os momentos de conforto e de dificuldade enfrentados pelo pibidiano no ambiente escolar. Destaca-se a posição intermediária do bolsista, que não é totalmente aluno nem plenamente professor, o que gera questionamentos sobre a sua identidade, a sua função e sua responsabilidade. São relatadas situações cotidianas, desde o auxílio ao professor até a condução de atividades e o enfrentamento de imprevistos. O relato enfatiza a importância dessas experiências para a formação docente, demonstrando que, apesar dos desafios, o PIBID é fundamental para o desenvolvimento profissional e humano dos futuros educadores.

133

**Palavras-chaves:** PIBID. Relato. Experiência. Vivências. Temperança.

---

## 1. INTRODUÇÃO

O *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência* (PIBID) vem se mostrando uma importante ferramenta de pesquisa com o papel de aproximar a teoria acadêmica e a prática docente. Criado pela CAPES e implementado na UESB em 2010 por meio do Edital 02/2009,

o programa tem como objetivo proporcionar aos licenciandos experiências reais no ambiente escolar, através da parceria entre Universidade e Escolas, contribuindo com a formação profissional e pedagógica dos futuros professores.

Este trabalho pretende relatar vivências e percepções de um bolsista do PIBID de Filosofia, refletindo sobre os desafios e os benefícios de estar em uma posição intermediária entre o papel de aluno e o de professor. A partir dessa perspectiva, pretende refletir sobre as situações em que o pibidiano se encontra em um contexto de conforto e de desconforto na sala de aula. O desfecho deve evidenciar a importância dessas experiências para o amadurecimento docente.

Para além do aspecto próprio de um relato de experiência, durante a produção do presente artigo, fizemos um esforço para construir argumentos com bases em publicações científicas-acadêmicas sobre o tema. Uma busca por embasamento interno de forma intencional, utilizando textos que poderiam auxiliar na abordagem do tema discutido.

## 2. UMA POSIÇÃO AMBÍGUA: SER PIBIDIANO

134

Para início de conversa, gostaria de iniciar tratando sobre algo que não é comum: o pibidiano, de modo geral, vivência algo que poucos falam, mas eu gostaria de tratar. O presente relato quer ser um testemunho de uma vivência efetivamente vivida com tudo o que ela implica. Antes de iniciar, gostaria apresentar um pouco da trajetória do PIBID da UESB e algumas características do referido programa:

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) iniciou suas atividades na UESB no ano de 2010, por meio do Edital Capes 02/2009. Desde então, a UESB participou com sucesso de mais dois editais propostos pela Capes (011/2012 e 061/2013), o que permitiu um substancial ampliação do Programa em nossa instituição, o que acompanhou uma tendência em todo o território nacional. Hoje, o Pibid abrange quase a totalidade das licenciaturas ofertadas pela UESB, além de incluir os subprojetos interdisciplinares que acolhem licenciandos de diferentes

graduações. Sua ação inclui escolas públicas das várias esferas de governo: as municipais, as estaduais e as técnicas federais (SANTOS; GONÇALVES, 2016, p. 4).

Minha trajetória no ambiente escolar começou antes de me tornar um bolsista do PIBID, como voluntário no programa Mais Educação por três anos consecutivos. Atuei como monitor de capoeira, vivência que me proporcionou aprendizados valiosos e contato direto com a realidade escolar. Essa experiência foi decisiva para minha escolha pela licenciatura, despertando em mim o desejo de ensinar e transformar.

Talvez isso seja benéfico para alguns e/ou não tão benéfico para outros, mas é um ponto de vista que vale a pena ser abordado, que é, a posição do pibidiano na sala de aula. Como já foi dito, alguns gostam da sua posição na sala de aula que deveria, às vezes, ser confortável e um lugar de prestígio.

Ocorre que o discente da graduação em sala de aula é uma figura ambígua: naquele ambiente ele não é um professor, não tem uma responsabilidade tão grande quanto um professor na sala de aula, não tem responsabilidade com os alunos na sala de aula; mas também não é um aluno, uma vez que não tem a liberdade que o aluno tem para afrontar o professor em algumas questões ou se fazer de desentendido para aproveitar mais o assunto. Essa postura ambígua não é algo dito, mas algo vivido e faz parte do dia a dia do pibidiano. 135

Em complemento ao que já foi dito acima, a posição do pibidiano – na sala de aula do ensino médio – é um tanto quanto questionável. Os alunos se perguntam: o que ele está fazendo aqui, uma vez que eles já estão na faculdade? alguns entende que é um projeto de extensão, que pibidiano precisa participar para ganhar experiências na sala de aula. Outros questionam o papel do universitário entre eles. Uma boa parte, normalmente, não esboça reação. Apesar de terem professores supervisores que são bem ativos com seus com os seus pibidianos, deixando que eles se envolvam em atividades e até deleguem atividades em sua ausência, tratando os bolsistas com a mesma seriedade que eles tratariam um estagiário monitorado, deixando que pibidiano haja como monitor da sala e não somente como um contemplador.

Assim, o bolsista fica responsável pela sala em determinados momentos, corrige atividades avaliativas, explica o assunto de carteira em carteira para aqueles que tem dúvidas, se tornando realmente um auxiliar do professor. Isso torna a experiência do pibidiano mais completa, intuitiva e proveitosa.

No PIBID de filosofia, com o professor orientador José Isaac, no Colégio Estadual de Tempo Integral Padre Luiz Soares Palmeiras, acontece com uma certa frequência as ocasiões em que o professor orientador deixa a turma sobre a guarda do pibidiano. Quando isso ocorre é algo muito gratificante e enriquece a nossa experiência como futuros docentes. Essa relação de confiança, deixando que o bolsista assuma algumas responsabilidades diante da turma leva à sensação de autorrealização e reconhecimento. Do ponto de vista pessoal, esses momentos são os mais empolgantes do projeto. Mas, a gente sabe que são casos isolados e nem todos os pibidianos têm uma participação tão ativa em sala de aula, no contexto de realização do Programa.

Fica então, aquela questão, aquele complexo de identidade, né? Existe momentos em que nos perguntamos: o que que eu estou fazendo aqui? Qual a minha função aqui? De fato, trata-se de ganhar experiência na sala de aula? A resposta é mais ou menos essa: trata-se de vivenciar essa experiência para que, quando chegar a minha vez de fazer o estágio, minha vez de lecionar, eu não esteja tão nervoso, não pareça tão amador ou tão inexperiente. Essa é, em boa medida, a real função do PIBID, um dos principais objetivos do Programa.

Em momentos de dúvida, vale muito a pena pensar que, esse tipo de experiência nunca será em vão. Por mais questionadora ou desafiadora que seja, vale muito a pena acreditar e procurar realizar esse objetivo central do PIBID. Por outro lado, claro, é um dever se questionar e refletir sobre a posição que cada pibidiano ocupa no Programa: aquela ambiguidade que nos referimos antes também aparecer aqui: é possível realizar atividades e se envolver com as atividades propostas pelos professores das turmas do mesmo modo que é possível se acomodar e ficar ali no subúrbio da sala.

Numa palestra recente apresentada por uma pibidiana, ela relatou que se sentia no subúrbio da sala de aula, quando em atividade do

PIBID. Eu me questioneei muito sobre a posição que ela se descreveu e justamente por isso esse é o meu tema. Por quê? Eu acho que me identifiquei muito com o que ela disse e esse comentário me fez refletir sobre o meu envolvimento nas atividades propostas no contexto do Programa. Quando eu comecei, me sentia no subúrbio da sala. Hoje, com mais aptidão pessoal para realizar as atividades propostas, juntamente com o incentivo por grande parte da coordenação, a situação mudou e me sinto no Alphaville da sala.

Reconheço que, na condição de pibidiano, estarei sempre no meio termo entre professor e aluno. O que diferencia é a forma como eu, ou qualquer um outro pibidiano, encarar essa posição. Saber onde você está, seja na periferia ou na elite da sala de aula, é decisivo e influenciará, diretamente, a experiência e a participação no referido Programa de formação docente.

### 3. A EXPERIÊNCIA TRANSCENDE A AMBIGUIDADE

Esse relato de experiência, como dito antes, tem como objetivo relatar a vivência efetiva como bolsista do PIBID, tendo como foco a experiência na sala de aula como pibidiano: nem aluno, nem professor. Como é recorrente nesse tipo de experiência, dada toda a situação do ensino e das escolas, na sala de aula a gente vivencia diversas coisas absurdas. Absurdas para quem está de fora, pois, na verdade, elas nada mais são do que o dia a dia do professor. Tanto as positivas quanto as negativas são valiosas como experiência. Esse tipo de experiência só é possível na vivência efetiva que o Programa proporciona; são experiências que transcendem as metodologias e teorias estudadas na Universidade.

Dentre as diversas experiências vividas há experiências negativas. Testemunhar comportamentos preconceituosos dentre as quais as questões relacionadas às posturas homofóbicas, raciais e misóginas. Nesse ponto a função e a fala do pibidiano é bastante restrita, de modo geral, em relação a esse tipo de conflito, algo recorrente no ambiente escolar. É claro que não podemos ser tolerantes a tudo, apesar de entender que os jovens têm a tendências de brincar com coisa sérias, de não entender o peso de suas ações em determinado momento, principalmente quando se

137

trata de adolescentes. Na condição de pibidiano de Filosofia cuja prática é realiza no nível médio, faz parte do processo formativo lidar com alunos adolescentes, rapazes e moças na juventude, com traços de impulsividade.

Querendo ou não, essa é a realidade que encontramos nas escolas: adolescentes tendo comportamento inadequado, buscando chamar atenção. Um olhar sobre o ambiente e os móveis, é comum encontrar, nas carteiras, desenhos de suásticas nazistas, frases homofóbicas e discursos misóginos verbais. Como foi dito antes, é bem possível que os autores desse tipo de comentário ou desenhos não entendem o peso dessas ações.

Em contrastes tem sempre aqueles alunos que têm um interesse a mais, que querem fazer um curso superior, que querem ter a oportunidade de ingressar em uma universidade pública. Eles perguntam: sobre o processo do Enem, sobre o vestibular, se o curso que a gente escolheu foi por paixão ou se a escolhemos porque era o que dava na nota de corte. Tem todas essas questões e isso é bastante proveitoso, porque percebemos quem são os alunos que estão buscando algo a mais, que não estão na escola simplesmente por obrigação.

Com isso, vamos tentar aqui nesse relatório descrever as duas faces, as duas situações que o pibidiano pode se encontrar na sala de aula: a primeira delas é o pibidiano no Alphaville da sala de aula. Para isso vamos abordar a questão da crise de identidade, estado em que o bolsista se encontra, ou seja, aquela situação em que ele não é o professor e não é o aluno. Em alguns momentos é até confortável está nessa posição: não ter um compromisso como aluno da mesma forma que não tem um compromisso como professor. Esse é um dos objetivos do Programa: permitir que o pibidiano possa vivenciar o espaço de sala de aula, presencialmente e através dessa presença absorver essas experiências e refletir sobre a sua formação, sobre a sua profissão.

O outro ponto que também é possível na experiência do Programa, é o pibidiano se situar no subúrbio da sala de aula. O que isso quer dizer? Ele não é aluno, ele não é professor, mas adota uma postura de não envolvimento com os alunos e nem com professor. Essa é uma questão que eu pretendo abordar no presente relatório, pois faz parte da prática efetiva de alguns pibidianos ou de alguns momentos durante o período de

estágio na escola, embora não seja um dos objetivos o Programa. Espero conseguir deixar isso o mais claro possível ou mais dialético possível para que a ideia seja transmitida da melhor forma.

No fim, é justamente na oscilação entre ganhos e desafios que a experiência prática se mostra capaz de transcender a ambiguidade e consolidar seu valor formativo.

#### 4. O LADO VANTAJOSO DO MEIO TERMO NA SALA DE AULA

O pibidiano no Alphaville da sala de aula, sabemos que esse termo Alphaville é um tanto quanto pejorativo. Mas, o exemplo figurativo consegue passar a ideia. Na análise da inserção do pibidiano na sala de aula, em aspecto de este estar confortável com aquela situação, de estar passivo com a posição em que ele se encontra.

O pibidiano quando está no Alphaville da sala de aula, predominantemente em contextos críticos, em instantes de provação, tanto para o professor quanto para os alunos. Por exemplo: durante avaliações, sua posição é distinta da dos discentes: não participa da prova, nem compartilha da ansiedade vinculada ao desempenho ou à preparação prévia. De forma semelhante, a tensão relativa ao desempenho coletivo é exclusiva do professor, e não de sua posição.

O Professor tem que estar prestando atenção para não deixar que os alunos trapaceiem na prova. Hoje em dia o uso do celular é um problema bastante inconveniente, um problema que pelo jeito vai persistir, apesar das medidas tomadas pelo governo do estado principalmente. O estado da Bahia proibiu o uso de celulares em sala de aula. A complexidade do combate decorre do fato de que o celular não é apenas um instrumento tecnológico, mas um elemento de forte potencial de dependência.

Há estudantes que aderem espontaneamente às regras, ao passo que outros manifestam discordância; durante provas, o pibidiano desempenha papel de assistente do professor, tem que ficar observando para evitar o uso do celular na hora da aplicação da prova. Obviamente, a prática de recolher celulares em todas as avaliações revela-se excessivamente rígida, aproximando-se de um regime disciplinar. Para

evitar essa situação, o professor concede o benefício da dúvida e alerta o pibidiano para ficar de olho e auxiliar na aplicação da prova para que as condições seja justa para todos e mantenha a ênfase no aprendizado.

Essas são algumas das situações em que o pibidiano se encontra no Alphaville, não precisando se preocupar de estar ou não olhando no celular, até porque ele não é um aluno. Entretanto, o bolsista não possui autoridade para recolher celulares ou aplicar sanções disciplinares, prerrogativas restritas ao professor. Então, qual o papel do pibidiano?

Durante a aplicação de exame em caráter excepcional, destinado a uma aluna ausente por motivo médico, a menção ao gabarito provocou questionamento da discente sobre a possibilidade de receber auxílio. Então brinquei com ela falando que o pibidiano na escola era como um viajante do tempo igual na série *Doctor Who*, não podendo mexer, não podendo interferir. A gente só observa porque tudo pode ter consequências sérias e algumas dessas consequências não são nada legais e a gente procura evitar esse tipo de interação com os alunos na escola. Esses são exemplos claros a partir de minha experiência.

Essas situações retratam um período quando o pibidiano está no Alphaville da sala de aula, condição que o deixa em uma posição muito confortável, pois ele não está sujeito à cobrança destinada ao aluno, tampouco detém a legitimidade do professor. Essas situações ilustram o momento em que o pibidiano ocupa uma posição privilegiada e confortável na sala de aula. No entanto, essa percepção é dualista é/ou subjetiva cuja percepção não é uniforme, podendo oscilar entre sujeitos e entre diferentes áreas acadêmicas. O pibidiano de filosofia geralmente tem uns desafios a mais para enfrentar, devido à natureza da disciplina que ele estuda.

140

Em conformidade com todas estas relações que envolvem a prática docente de um modo geral, Silva (2016) chama à atenção para duas particularidades centrais no desenvolvimento da prática docente no ensino da filosofia, uma delas diz respeito à dialogicidade entre professor e alunos e a segunda também envolve dialogicidade, só que entre presente, passado e futuro, o olhar sempre voltado para o passado para compreender e discutir questões do presente que se projetam para o futuro. A

primeira diz respeito ao modo como trabalhar a disciplina ‘filosofia’, a segunda tem a ver com o seu conteúdo (LIMA *et al.*, 2019, p. 148)

Esse aspecto é relevante e bastante interessante e contrasta com a perspectiva oposta sendo antítese desse, quando o pibidiano se encontra no subúrbio da sala de aula. A temática apresenta elevada complexidade e demandará análise detalhada na sequência.

## 5. DESVANTAGENS DO MEIO TERMO NA SALA DE AULA

O aposto do Alphaville é situar-se no subúrbio da sala de aula. Neste contexto, adota-se a metáfora do subúrbio para ilustrar o tema, embora se trate de um termo com carga negativa, embora carregue conotação pejorativa, o termo é aqui mobilizado como figura de linguagem, com uma finalidade ilustrativa-pedagógica. Assim, com essa explicação entende-se que dá para trabalhar em cima desse termo, para descrever a posição em que o pibidiano se encontra desconfortavelmente em sala de aula.

141

Trata-se da circunstância em que o pibidiano se encontra em posição vulnerável ou desconfortável, esse momento é quando o pibidiano não consegue mesmo ter uma participação frutífera na sala de aula. Alguns exemplos testemunham determinados momentos em que o pibidiano se encontra no subúrbio da sala de aula e esses momentos se fazem até frequentes, são instantes que duram a eternidade, pois nem sempre será flores para o bolsista do PIBID.

Existem situações em que a ausência do professor ou sua delegação de responsabilidades faz com que o pibidiano assume a condução da sala de aula, sempre fica aquela questão, referente a sua identidade: o pibidiano não se enquadra na função de estagiário, tampouco exerce o papel de docente ou de aluno designado para liderar a turma. O bolsista do Programa faz parte de uma equipe, de um projeto conceituado e qualificado para assumir esse tipo de função em sala de aula, naquela posição de autoridade secundária, com o objetivo de ganhar experiência, sobretudo para o estágio e para a futura atuação como docente na escola.

Algumas situações desconfortáveis ocorrem quando a falta de consideração excede o limite. Os alunos entendem da seguinte maneira: bom! já sabemos que ele não é professor, então, não tem autoridade sobre nós igual o professor, o que podemos simplesmente ignorar a aula e sua presença. O pibidiano apenas conduz a aula em nome do professor, enquanto parte dos alunos conversa no interior da sala, há também aqueles que se encontram fora dela. Em casos de atrito entre eles, a voz do pibidiano não tem tanto valor quanto a voz do professor mesmo que este esteja ausente.

Ao assumir a sala de aula em substituição ao professor, é possível que o pibidiano precise recorrer a pessoas com maior autoridade na escola, em casos extremos de indisciplina pode-se recorrer a funcionários da secretaria da escola, quando acontece algum tipo de situação desconfortável. Em alguns casos é necessário solicitar apoio da diretora, da vice-diretora e dos servidores da secretaria.

Há questões que fogem ao controle, à autoridade ou à jurisdição, e é muito fácil ficar sem saber o que fazer, o que é bastante desconfortável. Quando o pibidiano vivencia uma condição adversa, pode-se dizer que ele ocupa o subúrbio da sala de aula, mesmo estando em posição de liderança. Nesses momentos a hora demora a passar, o nervosismo ataca com firmeza, pois o bolsista do PIBID está tendo seus primeiros contatos com a sala de aula, em muitas situações o pibidiano não saberá como agir e não tem problema nenhum pedir ajuda. É fato: o pibidiano está naquele ambiente para aprender; trata-se de uma provação que todo graduando em licenciatura deveria vivenciar.

Apesar de, nessas situações desagradáveis, ser natural desejar que o tempo passe depressa para poder ir embora e sair daquela condição, essa percepção varia. Trata-se de uma análise subjetiva e tais relatos não se aplicam da mesma forma a todos. Contudo, com pouco tempo de participação no PIBID, percebemos rapidamente nossa posição diante desse tema.

O comportamento dos alunos é bem diferente e varia de pibidiano para pibidiano, alguns bolsistas já se impõem desde o início e quando esses assumem o lugar do professor eles conseguem manter um controle a mais, exercendo a função de um modo mais refinado. No âmbito da

personalidade, minha experiência difere daquela de outros. Considero-me relativamente extrovertido e cumprimento os alunos em condição de igualdade, sem me colocar em uma posição hierarquicamente superior. Essa minha postura decorre do fato de não me perceber como alguém acima deles. Contudo, reconheço que essa escolha influencia diretamente o comportamento dos estudantes, tornando-se um desafio quando tenho que assumir a condução da sala de aula, em virtude da ausência de uma postura mais enérgica.

Contudo, lembro-me de que não atribuí a devida consideração ao docente de expressão severa, tão pouco o admirava e, justamente por isso, recuso-me a reproduzir esse modelo de professor. A participação no PIBID oferece-me a oportunidade de experimentar diferentes abordagens pedagógicas junto aos alunos, com o objetivo de construir uma prática docente pautada no respeito e na admiração, e não no temor. Acredito que cada bolsista do PIBID desenvolve estratégias próprias para lidar com situações potencialmente desconfortáveis. O fato é que a experiência de ocupar posições periféricas na sala de aula também constitui parte fundamental do processo formativo.

143

## 6. CONCLUSÃO

Pode-se concluir que a problemática envolvendo o bolsista do PIBID, ora situado em espaços centrais da sala de aula representados aqui metaforicamente como Alphaville em situações opostas em condições periféricas simbolizadas como subúrbio, evidencia a complementaridade dessas experiências na formação docente. Ambas as posturas são comuns e contribuem para o desenvolvimento de certas competências pedagógicas e reflexivas. O pibidiano é o meio termo e essa é a sua posição, independente do extremo que se situe. A ideia é que o bolsista vivencie esse comedimento e reconheça que estar nesta situação faz parte da ideia do Programa, trata-se de um processo gradual. Faz parte do objetivo do Programa estar inserido no centro das discussões, logo encontrar-se no olho do furacão é plenamente possível. O que importa é tirar proveito da experiência, seja ela positiva ou negativa. Importa tirar

lições uma vez que esse processo é decisivo para aquele bolsista que alimenta o desejo de seguir a carreira docente.

Procuramos ilustrar a posição do pibidiano, na sala de aula, afirmando que ela pode ser situada, metaforicamente, entre o subúrbio e o Alphaville: ora situado na periferia da autoridade docente, ora protegido por um espaço privilegiado de formação. Por que no olho do furacão? porque o olho do furacão é calmo. Mas, tem uma turbulência de coisas acontecendo ao seu redor. O bolsista tem que estar sempre atento para que o ambiente não afete sua posição privilegiada. As turbulências de coisas acontecendo ao redor não podem o afetar de jeito nenhum quando se estar acompanhando o professor orientador.

A experiência do bolsista do PIBID depende do quanto ele se deixa influenciar pelo ambiente, principalmente na sala de aula. De forma alguma deixe que os conflitos internos do colégio prejudiquem o seu objetivo no PIBID, qual seja, adquirir experiências concretas, práticas e produtivas na sala de aula. Experiências essas, que será útil em outra etapa do curso, a exemplo do estágio ou para a sua pós-formação. Na sua atuação como professor educador, essas experiências são válidas sim! são importantes sim! Elas se complementam, sejam elas produtivas ou não e são completamente necessárias.

144

Certo, a experiência no PIBID tem seus altos e baixos, aceitá-los, é amadurecer como futuro educador. Devemos garantir que o pibidiano seja respeitado, tanto por atuar ainda na graduação quanto pela força do programa, que desde 2010 transforma a formação de professores na UESB. Deseja-se que o projeto seja mais frequente e divulgado, para evitar estranheza, já que os alunos veem o bolsista junto ao professor e nem sempre entendem. Com maior divulgação e naturalidade, o programa alcançará todas as áreas, até os bacharelados. Isso permite que o discente do bacharelado vivencie a experiência do professor e busque uma licenciatura na pós-graduação.

Exigir através de leis de assistência e permanência estudantil que todas as disciplinas tenham seus bolsistas do PIBID, com certeza essa medida naturalizaria a presença do pibidiano na escola. Precisaremos de mais supervisores e coordenadores e incluir pós-graduandos no programa seria benéfico. Pois, muitos terminam a graduação e vão se especializar e

continuar atuando no programa seria proveitoso e só teria a agregar na vida acadêmica desse recém graduado. Com tudo, o PIBID é um programa supervalorizado, comentado e que merece bastante do nosso respeito.

## REFERÊNCIAS

SANTOS, Bruno Ferreira dos; GONÇALVES, Maria de Cássia Passos Brandão. O PIBID UESB: trajetória, impactos e desafios. **Revista de iniciação à docência**, v. 1, n. 1, 2016, p. 4-10.

LIMA, Adenaide Amorim; NUNES, Romero Pereira; FREITAS, Mariana Oliveira; PIMENTEL, Edna Furukawa. A condição da prática docente no ensino da filosofia: uma experiência pibidiana. **Seminário Gepráxis**, v. 7, n. 7, maio 2019, p. 145-161.

**CLEBER TIAGO DE SOUZA**

<http://lattes.cnpq.br/8046151074986702>

145